

Cada um usa sua tática para vender

São muitas as pessoas que trabalham diariamente nos prédios onde funciona o Congresso Nacional em atividades não-relacionadas com o trabalho legislativo. Boa parcela da população frequentadora dos corredores, salas e ante-salas do parlamento, vai lá atraída pelas condições que, em qualquer época e em qualquer lugar do mundo, fazem florescer feiras nas praças e levam camelôs às esquinas das grandes cidades: são vendedores, que têm sua fiel clientela nos funcionários, parlamentares e jornalistas que trabalham no Congresso.

Pelos 400 metros quadrados da Câmara e do Senado transitam, diariamente, de 10 a 15 mil pessoas. E um grupo privilegiado de consumidores, de alta média salarial e pouco tempo disponível para as compras — público perfeito para vendedores sem ponto fixo. E eles vão ao Congresso, às dezenas, todos os dias, indiferentes às proibições regimentais de que sejam feitas transações comerciais nas dependências do parlamento.

Regimento, vendedores, seguranças e funcionários sempre tiveram uma convivência amigável, apesar das periódicas recomendações das Mesas Diretoras das duas Casas para que a repressão aos vendedores seja endurecida. Os interesses de vendedores e compradores são muito complementares, o que pode explicar a imunidade do mercado informal do Congresso às regras e proibições.

— Os vendedores que aparecem por aqui vendem só amendoim, sanduíche, chocolate — coisinhas pequenas — observa, compreensivo, o chefe de segurança do Senado, Mozart Boaventura Júnior. Seu colega Fernando Paulucci, chefe da segurança da Câmara, é mais duro com vendedores, mas os resultados, segundo ele, são desanimadores. "Fazemos de quatro a cinco detenções diárias, e o índice de reincidência é muito grande", revela Paulucci.

Na verdade, há um código de ética informal que rege a convivência entre ambulantes e seguranças. Os responsáveis pela vigilância dos corredores do Congresso costumam fazer vista grossa aos vendedores discretos e educados, mas são implacáveis com os que pretendem levar para as dependências do parlamento o estilo feira livre.

er é uma arte. Sou discreta e não insisto. Quando eu entro em um gabinete e percebo que o clima está meio agitado, vou embora sem nem oferecer. Quero ganhar, mas não atrapalhar", afirma Denilúcia Pereira, que vende roupas no Congresso há dois anos.

Denilúcia tem 22 anos e saiu de Mato Grosso, onde nasceu, há pouco mais de dois anos para tentar

realizar o sonho de fazer o curso de Comunicação. Ela foi ao Congresso a primeira vez tentar arranjar emprego com os parlamentares de seu estado. O emprego não saiu, mas Denilúcia percebeu que poderia se manter em Brasília vendendo roupas aos funcionários, o que tem feito desde então.

"O Congresso é o melhor local para vender em Brasília, é onde tem mais segurança e o pessoal é bom pagador. Nunca me deram cheque sem fundo", diz ela. Hoje, Denilúcia já tem clientes até entre os parlamentares e se sente tão em casa no Congresso que um dia ofereceu sua mercadoria a um segurança. Segundo ela, o segurança recusou gentilmente e sugeriu que ela tentasse vender aos funcionários de um gabinete próximo, o que Denilúcia fez prontamente.

MUAMBAS

A mesma sorte não tem Neuza Dionísia, que vende balas de coco, geléia real e castanha de caju no Congresso há dois meses. Neuza já foi detida várias vezes pelos seguranças, mas continua insistindo. "Não tem outra saída, eu tenho que trabalhar", justifica ela. Além do Congresso, Neuza também oferece sua mercadoria nos ministérios e no Banco do Brasil.

Houve época em que a sensação do comércio clandestino do Congresso eram as mercadorias trazidas do Paraguai, desde meias, brincos e batons e videocassetes e outros aparelhos eletrônicos. Hoje o fluxo das muambas reduziu-se, mas ainda é possível encontrar os vendedores especialistas em importados que trabalham até por encomenda.

"O vendedor oferece um produto barato, você compra, ele mostra outro, você gosta e quando percebe está viciado em coisas do Paraguai", comenta um funcionário do Senado com 18 anos de Casa.



Neuza: driblando os seguranças